

Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura¹

Dating violence primary prevention: A literature review

Sheila Giardini Murta, Bruna Roberta Pereira dos Santos,
Camila Perna Santos Martins, Brisa de Oliveira

Instituto de Psicologia. Universidade de Brasília. Campus Darcy Ribeiro, L2 Norte, SQN 606, 70910-900, Brasília, DF, Brasil. giardini@unb.br, brunaroberta19@gmail.com, camilapsmartins@gmail.com, brisa.oli@gmail.com

Resumo. Esta revisão sistemática buscou identificar as características metodológicas e de intervenção de estudos que apresentam programas de prevenção primária à violência no namoro. Quinze estudos, publicados entre 1992 e 2010, foram acessados através de bases de dados eletrônicas. Foram codificados, e os dados foram agrupados e quantificados. Os resultados indicaram que a maior parte dos estudos são experimentais, sem *follow-up*. De modo geral, abordaram habilidades sociais, conhecimentos sobre a violência no namoro, atitudes e crenças relativas a papéis de gênero. Foram encontradas evidências favoráveis à eficácia de programas de prevenção multicomponentes, ao passo que programas de prevenção exclusivamente informativos se mostraram pouco eficazes. São discutidas implicações desses achados para o desenvolvimento de programas preventivos no contexto nacional.

Palavras-chave: violência pelo parceiro íntimo, violência no namoro, prevenção.

Abstract. A systematic review was carried out aimed to identify methodological and intervention characteristics of the studies that present primary prevention programs of dating violence. Fifteen studies, published between 1992 and 2010, were searched by computerized databases. They were codified and their data were categorized and quantified. The results revealed that the majority of the studies have experimental designs, without follow-up. They have focused on social skills, information on dating violence, attitudes and beliefs on gender roles. Favorable evidence on the efficacy of multicomponent preventive programs was found, in opposition to the exclusively informative programs, which have shown poor evidence of efficacy. Implications of these findings for the development of dating violence preventive programs in the national context are discussed.

Key words: intimate partner violence, dating violence, prevention.

¹ A autora Sheila Giardini Murta agradece ao CNPq pelo apoio concedido ao projeto de pesquisa que originou este estudo (Processo 402579/2010-0) e à Bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida ao projeto Desenvolvimento de Tecnologias de Prevenção à Violência no Namoro, do qual esta revisão é a parte inicial (Processo 306975/2010-6). A autora Bruna Roberta Pereira dos Santos agradece ao CNPq pela Bolsa de Iniciação Científica recebida no decorrer deste estudo.

Introdução

Pesquisas sobre a violência entre parceiros íntimos adolescentes vêm crescendo nas últimas décadas em diferentes continentes, marcadamente na América do Norte (Cornelius e Resseguie, 2007; Foshee *et al.*, 1998; Hickman *et al.*, 2004; Ting, 2009) e, em menor escala, na Europa (Barter, 2009; Caridade e Machado, 2006; Matos *et al.*, 2006; Muñoz-Rivas *et al.*, 2007), na América Latina (Aldrighi, 2004; Anacona, 2008; Oliveira *et al.*, 2011; Pick *et al.*, 2010), na África (Salazar e Cook, 2006) e na Ásia (Verma *et al.*, 2006). Uma das razões que explicam o crescente volume de estudos sobre o tema é a gravidade do fenômeno, constatada em dados reveladores de sua alta incidência e seu impacto severo sobre a saúde mental.

Conforme as estatísticas da Federal Bureau of Investigation's Supplementary Homicide Reports (Hickman *et al.*, 2004), nos Estados Unidos, 10% das meninas de 12 a 15 anos e 22% das garotas entre 16 e 19 anos foram mortas entre os anos de 1993 e 1999, vítimas de seus namorados. No Brasil, um estudo (Oliveira *et al.*, 2011), realizado com 3200 adolescentes provenientes de dez estados do país, constatou que 86,9% dos participantes relataram ter tido experiências como vítimas e 86,8%, como perpetradores de violência contra o parceiro íntimo, tendo sido a violência verbal e a sexual as mais frequentes.

Diferentes estudos (Aldrighi, 2004; Anacona, 2008; Oliveira *et al.*, 2011; Muñoz-Rivas *et al.*, 2011; Sears *et al.*, 2007) apontam que as várias manifestações da violência, em suas modalidades verbal, psicológica, física e sexual, são inter-relacionadas e costumam ocorrer conjuntamente. Ademais, são recíprocas ou bidirecionais, já que os parceiros se alternam nos papéis de vítimas e perpetradores. Logo, os adolescentes de ambos os sexos podem ser abusadores. No caso das violências cometidas pelas parceiras, a violência psicológica, seguida pela física, são as mais frequentes, conforme apontado em uma revisão de Williams *et al.* (2008). A violência no namoro tem sido documentada tanto em casais heterossexuais quanto em casais homoafetivos (Anacona, 2008), ainda que este último contexto seja, comparativamente ao anterior, pouco investigado.

Ambos os parceiros sofrem os efeitos de seus relacionamentos abusivos. Dentre as consequências danosas para a saúde mental associadas a relacionamentos desta natureza, destacam-se as altas taxas de ideação suicida em jovens de

ambos os sexos (Randle e Graham, 2011). Prejuízos para o desenvolvimento da autoestima, reações psicossomáticas e estresse pós-traumático têm sido identificados em vítimas do sexo feminino (Caridade e Machado, 2006). Em uma revisão recente da literatura sobre o impacto da violência no namoro para vítimas masculinas, Randle e Graham (2011) apontam como efeitos negativos mais comuns o estresse pós-traumático, o alcoolismo e a depressão, advindos de repetidas agressões da parceira.

A violência no namoro é um fenômeno multicausal, para o qual concorrem fatores de risco culturais, familiares e pessoais. Entre estes, citam-se conviver em comunidades sexistas (Anacona, 2008; Caridade e Machado, 2006; Hickman *et al.*, 2004), testemunhar violência entre os pais, ser vítima direta de violência parental (Cyr *et al.*, 2006; Hickman *et al.*, 2004), sofrer abuso sexual (DiLillo *et al.*, 2001), ter amigos que são violentos com seus parceiros íntimos (Arriaga e Foshee, 2004) e ter poucas habilidades sociais assertivas, de manejo da raiva e de autocontrole emocional (Anacona, 2008; Caridade e Machado, 2006).

A compreensão crescente sobre as origens e o desenvolvimento da violência no namoro tem facilitado o planejamento de programas de prevenção primária, principalmente na América do Norte (Cornelius e Resseguie, 2007; Muñoz-Rivas *et al.*, 2011; Murray e Graybeal, 2007; Ting, 2009). Esses programas são consideravelmente relevantes, dado que a violência no namoro pode ser precursora da violência intrafamiliar e seus efeitos podem impactar as gerações seguintes (Cyr *et al.*, 2006; Hickman *et al.*, 2004). Em vista desse cenário, programas preventivos, direcionados a grupos de adolescentes em geral (prevenção universal), a adolescentes expostos a fatores de risco para a violência no namoro (prevenção seletiva), ou mesmo com manifestações leves e iniciais de violência contra o parceiro íntimo (prevenção indicada) podem consistir em uma importante via de cuidados em saúde mental na adolescência.

No que diz respeito às bases teóricas, os programas preventivos para a violência no namoro tem se fundamentado, majoritariamente, em Teorias Feministas, na Teoria da Aprendizagem Social e em Teorias sobre Normas e Atitudes. Em decorrência dessas bases teóricas, essas intervenções têm sido desenhadas para gerar mudanças comportamentais ou atitudinais ou ambas. Usualmente, são dirigidas às mudanças em crenças estereotipadas sobre

papéis de gênero e em informação sobre violência de gênero, promoção de habilidades de autorregulação das emoções e negociação de conflitos e redução em atitudes de aceitação da violência (Salazar e Cook, 2006).

No Brasil, a prevenção à violência no namoro é um foco de estudos incipiente, ao contrário da violência de gênero em geral, que é amplamente estudada no país, de acordo com revisão de Aquino (2006). Os estudos nacionais sobre violência no namoro datam da última década e têm sido voltados para a descrição e a compreensão do problema (Aldrighi, 2004; Antonio *et al.*, 2012; Nascimento e Cordeiro, 2011; Oliveira *et al.*, 2011), à exceção de iniciativas recentes dedicadas ao desenvolvimento de intervenções preventivas para adolescentes (Murta *et al.*, 2011, 2012, 2013). Há, portanto, necessidade de avanços rumo ao planejamento e condução de ações preventivas embasadas em evidências. Estas poderiam ser úteis em programas e políticas públicas destinadas ao fortalecimento da equidade de gênero, à saúde do adolescente, à prevenção da violência entre jovens e à promoção dos direitos humanos.

Diversas revisões da literatura sobre programas de prevenção primária à violência no namoro têm sido publicadas e se caracterizam por serem narrativas, sem critérios explícitos de busca e procedimentos sistemáticos de análise dos resultados (Cornelius e Resseguie, 2007; Hickman *et al.*, 2004; Muñoz-Rivas *et al.*, 2011); adotam procedimentos meta-analíticos para análise da efetividade dos programas, omitindo a descrição das intervenções (Ting, 2009); e focam apenas em aspectos metodológicos ou de avaliação dos programas (Murray e Graybeal, 2007). Em complementação às revisões anteriores, no presente estudo, optamos por conduzir uma revisão sistemática da literatura em prevenção primária à violência no namoro, voltada também para a identificação das características da intervenção, em adição às características metodológicas, com publicações buscadas de maneira abrangente e sistemática e analisadas com critérios claramente definidos. Esta ênfase na identificação e na descrição das características da intervenção foi assumida com vistas a subsidiar o desenvolvimento futuro de tecnologias de prevenção primária à violência no namoro no contexto nacional. Assim, foram três os objetivos desta revisão: (a) descrever os formatos e conteúdos abordados em programas de prevenção primária à violência no namoro; (b) identificar

as variáveis utilizadas para avaliar essas intervenções e (c) identificar os resultados produzidos por elas.

Método

Critérios de inclusão

Nesta revisão, foram considerados critérios de inclusão: (i) artigos publicados em periódicos científicos nas duas últimas décadas (1990-2010), (ii) de língua portuguesa, inglesa ou espanhola, (iii) que apresentam intervenções de prevenção primária em violência no namoro, (iv) que possuem uma descrição e avaliação da intervenção (v) acerca de indivíduos adolescentes (vi) em situação de namoro.

Procedimentos de busca

Os artigos foram localizados através das bases de dados eletrônicas: PsycINFO, MEDline, EBSCO, ProQuest Psychology Journals, LILACS, Scielo e Pepsic. As palavras-chave utilizadas foram “dating violence”, “intimate partner violence prevention”, “violence prevention”, “safe dating and prevention” e “gender violence prevention”.

Procedimentos de análise

Os estudos foram codificados em 12 critérios, definidos na Tabela 1: estudo, delineamento, participantes, contexto, tipo de prevenção, foco, formato da intervenção, conteúdo da intervenção, avaliação de necessidades, avaliação de processo, avaliação de resultados e resultados. Os dados de cada artigo foram transcritos para uma folha de codificação padronizada que foi posteriormente inserida numa planilha eletrônica de cálculos (Microsoft Office Excel). As análises foram feitas por meio de frequências e porcentagens (quando variável quantificável), bem como de análises de predominâncias e tendências (quando variável não quantificável).

Resultados

Nesta revisão, foram encontradas 19 publicações que correspondiam aos critérios previamente estabelecidos. Tais artigos descreviam 15 diferentes estudos, publicados entre 1992 e 2010. Foi usado como universo de análise os 15 estudos identificados.

Tabela 1. Definição dos critérios de codificação.
Table 1. Definition of coding criteria.

Critério	Definição
Estudo	Autores, ano, periódico e país onde a intervenção foi implementada.
Delineamento	Experimental (estudo com grupo controle ou de comparação randômicos), quase-experimental (estudo com grupo controle ou de comparação não randômicos) ou não experimental (estudo com pré e pós-teste, sem grupo de controle ou comparação). Número de <i>follow-ups</i> , tempo (em meses) transcorrido entre a intervenção e o primeiro <i>follow-up</i> .
Participantes	Número de participantes que concluíram a intervenção (total de todos os grupos) e idade.
Contexto	Tipo de ambiente onde a amostra foi recrutada (escola, educação profissional, universidade ou outros).
Tipo de Prevenção	(1) Universal - participantes selecionados independentemente da exposição ao risco para violência entre parceiros íntimos e da manifestação inicial da violência entre parceiros íntimos (por exemplo, estudantes de ensino médio, sem critérios de seleção para participação no estudo descritos).
	(2) Seletivo - participantes selecionados por estarem expostos a riscos para violência entre parceiros íntimos (exemplo: adolescentes filhos de pais violentos). O critério de seleção é apresentado.
	(3) Indicado - participantes selecionados por já estarem manifestando sinais iniciais de violência (por exemplo: adolescentes presos por terem cometido crimes contra mulheres - mas não em situação de namoro).
Foco	Pessoa (mudança em estratégias de enfrentamento do adolescente) ambiente (mudança em comportamentos de outros significativos, como professores ou pais) ou combinado (adolescente e outros significativos).
Formato da intervenção	Frequência das sessões, duração da sessão (em minutos), duração da intervenção (em semanas), número total de sessões, número total de horas de contato.
Conteúdo da intervenção	Natureza da intervenção, incluindo temas discutidos (ex: relações entre papéis de gênero e violência no namoro), técnicas usadas (ex: treino assertivo) ou ações implementadas (ex: discussões sobre como construir rede de suporte social). A intervenção dada ao grupo de comparação está também incluída.
Avaliação de necessidades	Avaliação prévia à intervenção visando a identificar alvos para a intervenção. Incluir técnicas de coleta de dados usadas, como escalas, observação do comportamento, análise documental etc.
Avaliação de Processo	Recrutamento: adequação de fontes e procedimentos usados para abordar e atrair participantes em potencial para que se tornem participantes de fato.
	Contexto: características do contexto que interferem diretamente na implementação da intervenção, explicitado na opinião do autor, incluindo aspectos físicos, sociais, históricos ou econômicos.
	Exposição ao programa: comparecimento à intervenção.
	Dose fornecida: a quantidade fornecida dos componentes da intervenção em relação ao planejamento feito.
	Dose recebida: a extensão na qual os participantes usam o material, os recursos ou as técnicas recomendadas pelo programa.
	Fidelidade: a qualidade do programa implementado em relação ao programa planejado ou à integridade do tratamento.
	Atitudes dos participantes: atitudes subjetivas dos participantes frente às sessões, à intervenção (ex.: satisfação e percepção de credibilidade da intervenção).

Tabela 1. Continuação.**Table 1.** Continuation.

Avaliação de resultados	Estratégia de coleta de dados e tipo de variável dependente avaliada, como crenças sexistas, conhecimento sobre direitos sexuais e reprodutivos, habilidades de manejo de raiva etc.
Resultados	Resultados pós-teste sobre as variáveis dependentes medidas, resultados de <i>follow-up</i> , ou mudanças do pré-teste para o pós-teste.

Contextos de implementação

Grande parte dos programas foi desenvolvida na América do Norte (80%), seguida pela Europa (13%) e pela América Latina (7%). A escola foi o principal contexto de aplicação (N = 10, 66%). Os programas com foco no adolescente eram 60% (N = 9) e o restante (40%) teve (N = 6) foco combinado (envolvendo adolescente, pais, professores ou comunidade). O tipo de prevenção foi predominantemente universal (N = 10; 67%), com 20% do tipo seletiva (N = 3) e 13% do tipo indicada (N = 2).

A idade dos participantes das intervenções foi classificada nos seguintes intervalos: entre 11 e 15 anos, presente em 33% dos estudos; entre 16 e 20 anos, em 20%; acima de 20 anos, em 7%. Esse dado não foi informado em 40% dos estudos.

Características da avaliação

O delineamento dos estudos foi experimental em 53% (N = 8), quase-experimental em 7% (N = 1) e do tipo pré e pós-teste em 40% (N = 6). Aproximadamente metade dos estudos fez uso de grupo controle (53%, N = 8). Um número significativo de estudos utilizou grupo controle inativo (N = 6, 40%), dos quais metade ofereceu lista de espera (20%) e, na outra metade, o tratamento foi nulo (ausência de tratamento) (20%). O grupo controle ativo ocorreu em 20% das experiências (N = 3). O conteúdo desses grupos, em duas das intervenções, consistiu em aulas do currículo de saúde da própria escola e, na outra, em atividades comunitárias (serviços para adolescentes em relacionamentos abusivos e treinamento para prestadores de serviço).

O tamanho das amostras foi considerado de acordo com o número de participantes que completaram todas as avaliações. Os estudos com as menores amostras, entre 28 e 100 participantes, corresponderam a 27% (Ball *et al.*, 2009; Gómez, 2007; Salazar e Cook, 2006;

Schwartz *et al.*, 2004), enquanto que a maioria das pesquisas (40%) relatou amostra entre 100 e 500 participantes (Antle *et al.*, 2011; Averyleaf *et al.*, 1997; Pick *et al.*, 2010; Matos *et al.*, 2006; Mcgowan, 1997; Wolfe *et al.*, 2003). Entre os estudos com as maiores amostras, 13% deles tiveram participação na faixa de 500 a 1000 pessoas (Jaffe *et al.*, 1992; Lavoie *et al.*, 1995), 13% , entre 1000 e 2000 participantes (Foshee *et al.*, 2005, 2004, 1998, 2000; Taylor *et al.*, 2010), e o estudo com a maior população atingida relatou ter trabalhado com 2540 pessoas (Jaycox *et al.*, 2006), correspondendo a 6% do total das investigações realizadas.

Menos da metade das intervenções (N = 6, 40%) realizou avaliação de *follow-up*. No entanto, apenas uma delas (Foshee *et al.*, 1998, 2000, 2004, 2005) o fez em longo prazo e mais de uma vez (1 mês, 1 ano, 2 anos, 3 anos e 4 anos após a intervenção). O tempo entre a intervenção e o primeiro *follow-up* variou de um mês a seis meses nos estudos que apresentaram esta característica. Os *follow-ups* foram aplicados, no mínimo, um mês após a intervenção (Foshee *et al.*, 1998) e, no máximo, quatro anos depois (Foshee *et al.*, 2005).

A maior parte dos estudos (60%) se ateu à avaliação de resultados, com pré e pós-teste, e não realizou qualquer tipo de avaliação de necessidades e de processo. Apenas no estudo de Gómez (2007) foi conduzida avaliação das necessidades dos participantes, a qual também serviu como instrumento para avaliação de pré e pós-testes. Algum tipo de avaliação de processo foi conduzido em 40% dos estudos (N = 6). Os critérios de processo utilizados foram avaliação da satisfação/atitude dos participantes para com a intervenção (N = 4; 26%), fidelidade do programa (N = 3; 20%) e elementos do contexto que afetaram a intervenção (N = 1; 7%).

Na avaliação de resultados, a grande maioria dos estudos fez uso exclusivo de escalas e questionários e uma pequena parte (Ball *et al.*, 2009; Gómez, 2007) usou também grupos

focais. As variáveis utilizadas na avaliação foram: (a) habilidades quanto à identificação de sinais de violência ou de violência de gênero; adoção de estratégias para resolução de conflito, comunicação e manejo da raiva; (b) conhecimento: com relação à violência no namoro, aspectos envolvidos (comportamentos, sinais e causas de violência, consequências legais, onde e como buscar ajuda) e sobre relações saudáveis; (c) atitudes e crenças: grau de aceitação quanto ao uso da violência ou atitudes relacionadas a ela (namoro, casamento ou contra mulher), crenças que justificam o uso de comportamentos violentos e o ciúme; (d) intenção comportamental: de pedir ajuda, de prática de violência no namoro (em situação de risco ou não), de ajudar outras pessoas que estão sendo agredidas no namoro, de envolver-se em estereótipo de gênero; (e) práticas violentas: emissão de comportamento violentos, vitimização ou perpetração de violência no namoro ou doméstica, testemunho à violência doméstica, violência sexual infantil.

Conteúdo e formato das intervenções

A duração da sessão foi analisada em intervalos de minutos. Em sete intervenções (47%), a duração da sessão variou entre 45 e 90 minutos. Em outras quatro intervenções (33%), a sessão durou entre 120 e 150 minutos. Um estudo realizou encontros de quatro horas cada, e outro não descreveu essa informação.

Não houve similaridades entre os estudos quanto ao período em que as intervenções ocorreram, variando desde um dia a um ano. Isso, em horas totais de contato, significou um mínimo de 2,5 horas e máximo de 36 horas de intervenção. A duração mais frequente entre os estudos que descreveram esse componente da intervenção (N=11, 73%) foi 7,5 horas de contato com os participantes, que constava em 47% das intervenções. Duas intervenções tiveram até 3,5 horas de contato; 5, entre 5 e 7,5 horas; 1, 12 horas; 2, 22 horas e 1, 36 horas totais.

O número mínimo de sessões por programa foi 1 e o máximo 24, sendo que a maioria das intervenções (N = 10, 67%) teve, no máximo, cinco encontros e apenas quatro estudos (27%) aplicaram mais de dez sessões. Entre estes, estão as três intervenções com os números totais de horas de contato mais altos: duas com 22 horas (Gómez, 2007; Ball *et al.*, 2009) e uma de 36 horas (Wolfe *et al.*, 2003).

Os conteúdos trabalhados nos programas incluíram, basicamente: (a) habilidades so-

ciais: assertividade, negociação, tomada de decisão, solução de problemas interpessoais, resolução de conflitos, manejo da raiva e expressão de sentimentos de forma saudável; (b) conhecimentos: tipos de violência, prevalência, manifestações, consequências, recursos de enfrentamento (incluindo serviços de ajuda), controle abusivo, informações sobre aspectos legais envolvidos na violência no namoro e qualidade de relacionamentos saudáveis; (c) atitudes e crenças: diferenças de gênero, crenças sexistas, atitudes em relação ao uso da violência; e (d) outros: autoatribuição de direitos.

Evidências de eficácia

Os resultados encontrados nos programas são, predominantemente, positivos. Uma análise dos resultados dos estudos indica que a maior parte deles (80%; 12 estudos) apresentou evidências favoráveis à eficácia das intervenções avaliadas, em oposição a apenas três estudos (Jaycox *et al.*, 2006; Salazar e Cook, 2006; Taylor *et al.*, 2010) que tiveram resultados negativos no pós-teste e/ou *follow-up*. Nesses estudos, as intervenções foram informativas e prescritivas, sem o ensino de habilidades interpessoais para manejo de conflitos.

As variáveis nas quais houve aumento da capacidade em fazê-las, representando resultados positivos, foram: (a) habilidades: identificar sinais de violência, adoção de estratégias para resolução de conflito, comunicação e manejo da raiva; (b) conhecimento: sobre violência no namoro e aspectos envolvidos (comportamentos, sinais e causas de violência, consequências legais e onde e como buscar ajuda) e relações saudáveis; (c) intenção comportamental: de pedir ajuda, de ajudar outras pessoas que estão sendo agredidas no namoro; (d) outros: autoconfiança. As variáveis em que houve declínio na sua ocorrência após a intervenção, representando resultados positivos, foram: (a) crenças e atitudes: grau de aceitação ao uso da violência ou atitudes relacionada a ela (namoro, casamento ou contra mulher), crenças que justificam do uso de comportamentos violentos e o ciúmes; (b) intenção comportamental: de prática de violência no namoro (em situação de risco ou não) e de adotar papéis de gênero estereotipados; e (c) práticas violentas: vitimização ou perpetração de violência no namoro. Portanto, os resultados encontrados apontam que, em sua maioria, os programas avaliados afetaram positivamente variáveis cognitivas (intenções e crenças) e

Tabela 2. Características de programas de prevenção à violência no namoro e principais resultados (N = 15 estudos).**Table 2.** Characteristics of dating violence prevention programs and main results (N = 15 studies).

Estudo	Conteúdo do programa	Variáveis dependentes	Resultados
Antle <i>et al.</i> (2011) Prevenção Seletiva	Tratamento: padrões saudáveis e não-saudáveis de relacionamento, habilidades comunicativas para resolução de conflitos, solução de problemas e violência no namoro. Não houve grupo controle.	Aprendizado/conhecimento sobre relacionamentos, satisfação com a intervenção, habilidades comunicativas, habilidades de resolução de conflitos e atitudes frente a situações violentas.	Os participantes experienciaram altos níveis de satisfação com o programa e apresentaram um aumento significativo no conhecimento sobre relacionamento. Houve uma melhora em habilidades de resolução de conflitos e comunicação, além de uma diminuição no engajamento em situações violentas. Por fim, reduziram-se as atitudes favoráveis à violência no namoro.
Pick <i>et al.</i> (2010) Prevenção Universal	Tratamento: habilidades de vida (assertividade, negociação, tomada de decisão); conceitos de sexo, sexualidade e gênero e como se relacionam à violência; o que é e como reconhecer violência, seus tipos, papéis de gênero e estereótipos; e como expressar amor de forma saudável. Não houve grupo controle.	Habilidade para reconhecer violência, seus sinais e causas; aceitação da violência e atitude em relação à não-violência; e reconhecimento de comportamentos e sinais de expressão saudável do amor.	As habilidades de identificar violência e suas causas apresentaram progresso no pós-teste, assim como o reconhecimento de expressões saudáveis do amor. Atitudes favoráveis em relação à não-violência ocorreram tanto no pré quanto no pós-teste. As meninas foram mais habilidosas para reconhecer sinais de violência, suas causas e maneiras saudáveis de expressar o amor. Elas também foram mais favoráveis à não-violência.
Taylor <i>et al.</i> (2010) Prevenção Universal	Tratamento 1: estabelecimento de limites e comunicação na relação; noção de espaço pessoal, distinção de comportamentos permitidos ou não; consequências em não obedecer os limites e o papel do espectador como um interventor. Tratamento 2: leis, definições, informações sobre penalidades para assédio sexual e estupro, consequências para os perpetradores desses tipos de violência, aplicação das leis considerando o gênero, mitos e fatos sobre assédio sexual e espaço pessoal. Grupo controle: aulas do currículo de saúde da escola.	Vitimização e perpetração de violência sexual, física (pares e namoro) e assédio sexual; atitudes (de aceitação de comportamentos violentos relacionados a crenças de gênero; relacionadas à redução do assédio sexual e à violência de gênero; sobre o espaço pessoal próprio e de outros); conhecimento (leis, definição de abuso e assédio sexual, recursos de ajuda e mitos de assédio sexual), dados sociodemográficos e participação prévia em programas com conteúdos similares.	Estudantes dos dois grupos de tratamento tiveram melhores atitudes sobre espaço pessoal que o grupo controle, o que se manteve no <i>follow-up</i> . O grupo de tratamento 2 teve melhores resultados nas variáveis de conhecimento que o grupo controle, o que se manteve no <i>follow-up</i> . Neste, verificou-se que a intervenção favoreceu menor vitimização e perpetração de violência sexual entre pares no grupo de tratamento 1. A perpetração da violência no namoro aumentou no pós-teste e permaneceu no <i>follow-up</i> do grupo de tratamento 2. Porém, esse grupo teve melhores atitudes sobre prevenir assédio sexual e menor aceitação de comportamentos abusivos ou violentos relacionados com as crenças de gênero. No <i>follow-up</i> , houve melhora significativa nas atitudes em reduzir violência de gênero e assédio sexual no grupo de tratamento 2. A intervenção não modificou a vitimização e a perpetração de assédio sexual em ambos grupos de tratamento. Os meninos estiveram mais envolvidos com a violência tanto como vítimas, como perpetradores, entre pares e no namoro.

Tabela 2. Continuação
Table 2. Continuation.

Estudo	Conteúdo do programa	Variáveis dependentes	Resultados
Ball <i>et al.</i> (2009) Prevenção Indicada	Tratamento: habilidades de comunicação, características e habilidades de relacionamentos saudáveis, definição de abuso e respeito, papéis de gênero, identificação de abuso de poder e relações abusivas. Não houve grupo controle.	Mudanças em pensamentos e atitudes, comportamentos desenvolvidos com o programa, experiência no grupo de suporte.	Participantes relataram percepção de suporte social no grupo, melhora das habilidades de comunicação, controle da raiva e percepção de alternativas à violência. Maior conhecimento sobre relações saudáveis, identificação de sinais de violência, consciência dos próprios comportamentos, maior motivação para confrontar amigos abusivos e dar suporte a vítimas. Um grupo de garotos em detenção juvenil relatou mudança no modelo que tinham sobre relacionamentos.
GoméZ (2007) Prevenção Universal	Tratamento: violência de gênero e crenças errôneas relacionadas a ela, habilidade de resolução de conflito, recursos para enfrentar situações de violência. Não houve grupo controle.	Mitos e crenças sobre a violência de gênero, conhecimento sobre violência, seus sinais, causas e recursos para enfrentá-la.	Houve uma queda nas falsas crenças relacionadas à violência de gênero, mudanças em atitudes que justificam a violência no namoro, aumento na capacidade de reconhecer sinais de violência, aumento do conhecimento de onde e como buscar ajuda em caso de violência.
Jaycox <i>et al.</i> (2006) Prevenção Seletiva	Tratamento: aspectos legais sobre violência no namoro, prevalência de violência doméstica e no namoro, tipos de abuso, ciclo de violência, sinais de abuso e informações sobre como pedir ajuda. Controle: aulas do currículo de saúde da escola e lista de espera.	Conhecimento sobre violência no namoro e seus aspectos legais, vitimização de violência no namoro, aceitação à violência e intenção comportamental em buscar ajuda.	O grupo de tratamento apresentou maior conhecimento sobre os aspectos legais envolvidos na violência no namoro, melhor percepção da utilidade e da probabilidade de buscar ajuda, menor aceitação da agressão de mulheres contra homens (não mantido no <i>follow-up</i>). Melhora no conhecimento e na percepção de utilidade na ajuda de um advogado (mantido no <i>follow-up</i>). Não houve diferença nas taxas de vitimização e perpetração de violência no namoro do pós-teste até o <i>follow-up</i> .
Matos <i>et al.</i> (2006) Prevenção Universal	Tratamento: conceito de maus tratos, ciclo da violência e suas causas, fatores de risco, consequências da violência, crenças que justificam a violência e recursos para enfrentá-la. Não houve grupo controle.	Grau de tolerância/aceitação do sujeito quanto à violência pelo parceiro íntimo, nível socioeconômico.	Redução global da tolerância à violência pelo parceiro íntimo. Os meninos eram em todas as condições mais legitimadores da violência do que as meninas. Os alunos mais novos manifestaram um maior grau de legitimação da violência íntima que os mais velhos. Os resultados mantiveram-se no <i>follow-up</i> .
Salazar e Cook (2006) Prevenção Indicada	Tratamento: crenças sobre violência de gênero, sexismo e aspectos legais da violência de gênero. Controle: lista de espera.	Conhecimentos e atitudes relacionadas à violência de gênero, aceitação da violência contra mulher, testemunho da violência doméstica, prevalência de comportamentos violentos.	O grupo experimental apresentou maior nível de conhecimento e menor atitude favorável à violência de gênero. Adolescentes que testemunharam violência doméstica (homem contra mulher) apresentaram menor atitude favorável à violência de gênero no grupo experimental. Esses resultados se mantiveram 3 meses após a intervenção.

Tabela 2. Continuação
Table 2. Continuation.

Estudo	Conteúdo do programa	Variáveis dependentes	Resultados
Foshee <i>et al.</i> (2005) Prevenção Universal	Tratamento: normas sobre violência no namoro, estereótipos de gênero, habilidades de resolução de conflito, crença em necessidade de ajuda, serviços de ajuda e atividades comunitárias (serviços para adolescentes em relacionamentos abusivos e treinamento para prestadores de serviço). Controle: somente as atividades comunitárias.	Vitimização e perpetração de comportamentos violentos, atitude em relação a normas, percepção de consequências negativas e positivas de violência no namoro, estereotipia de gênero, atitude em relação à necessidade de ajuda, conhecimento sobre serviço para vítimas e perpetradores, busca de ajuda, habilidades de comunicação e manejo da raiva.	Adolescentes que participaram do programa reportaram diminuição significativa de perpetração de violência psicológica, física (moderada) e sexual, quando comparados ao grupo controle em todos os <i>follow-ups</i> . Aqueles que reportaram perpetração de violência física moderada ou nenhuma o fizeram, significativamente, menos ainda nos <i>follow-ups</i> .
Foshee <i>et al.</i> (2004) Prevenção Universal	Tratamento 1: normas sobre violência no namoro, estereótipos de gênero, habilidades de resolução de conflito, crença em necessidade de ajuda, serviços de ajuda e atividades comunitárias (serviços para adolescentes em relacionamentos abusivos e treinamento para prestadores de serviço). Tratamento 2 (3 anos após a intervenção): parte das pessoas do tratamento 1 receberam um boletim informativo com informações e exercícios sobre estratégias de comunicação efetiva, sinalizadores de relações abusivas e dicas para um namoro saudável. Controle: somente as atividades comunitárias.	Vitimização e perpetração de comportamentos violentos, atitude em relação a normas, percepção de consequências negativas e positivas de violência no namoro, estereotipia de gênero, atitude em relação à necessidade de ajuda, conhecimento sobre serviço para vítimas e perpetradores, busca de ajuda, habilidades de comunicação e manejo da raiva.	No <i>follow-up</i> de 3 anos após intervenção, encontraram-se menores taxas de agressão física, sexual e psicológica no grupo experimental comparadas ao grupo controle. Os que já haviam se envolvido com abuso físico reportaram menos vitimização neste aspecto. Adolescentes que possuíram escores altos de perpetração de violência psicológica na primeira avaliação (Foshee, 1998) tiveram escores maiores ainda com a introdução do tratamento 2. Pessoas previamente envolvidas com violência no namoro de modo intenso relataram mais vitimização sexual e física após o tratamento 2.

Tabela 2. Continuação
Table 2. Continuation.

Estudo	Conteúdo do programa	Variáveis dependentes	Resultados
Foshee <i>et al.</i> (1998); Foshee <i>et al.</i> (2000) Prevenção Universal	Tratamento 1: normas sobre violência no namoro, estereótipos de gênero, habilidades de resolução de conflito, crença em necessidade de ajuda, serviços de ajuda e atividades comunitárias (serviços para adolescentes em relacionamentos abusivos e treinamento para prestadores de serviço). Controle: somente as atividades comunitárias.	Vitimização e perpetração de comportamentos violentos, atitude em relação a normas, percepção de consequências negativas e positivas de violência no namoro, estereotipia de gênero, atitude em relação à necessidade de ajuda, conhecimento sobre serviço para vítimas e perpetradores, busca de ajuda, habilidades de comunicação e manejo da raiva.	No <i>follow-up</i> de 1 mês, o grupo experimental reduziu significativamente a perpetração de abuso psicológico e a violência contra o parceiro atual. Esses participantes também perceberam menos consequências positivas no uso da violência, usaram mais habilidades comunicativas e construtivas e respostas construtivas à raiva, mostraram-se menos propensos a se envolver em estereótipos de gênero, e foram mais cientes quanto a serviços para vítimas e perpetradores. No <i>follow-up</i> de 1 ano, permaneceram as mudanças em aceitação à violência no namoro, conhecimento sobre serviços, percepção de consequências negativas na escolha pela violência e constatou-se menos uso de respostas destrutivas a raiva.
Schwartz <i>et al.</i> (2004) Prevenção Universal	Tratamento: papéis de gênero e seus conflitos, autoatribuição de direitos, manejo de raiva, táticas de resolução de conflitos, comunicação assertiva e identificação e expressão de emoções. Controle: tratamento nulo.	Conflitos de gênero, crenças sexistas, manejo da raiva, autoconfiança e autoatribuição de direitos.	O grupo experimental demonstrou redução nas crenças sexistas e dificuldades de demonstrações emocionais e afetivas. Houve aumento na habilidade de manejo de raiva e queda de respostas negativas às situações de conflito. Houve aumento de autoconfiança e declínio na autoatribuição de direitos.
Wolfe <i>et al.</i> (2003) Prevenção Seletiva	Tratamento: comportamento abusivo, relações de gênero, resolução de conflitos, assertividade e recursos sociais de ajuda. Controle: tratamento nulo.	Experiências passadas de maus-tratos, problemas dos pais com alcoolismo, perpetração de abuso e vitimação, angústias emocionais e traumas, habilidades de relacionamento saudável.	Inicialmente, as meninas mostraram maiores taxas de perpetração de violência física e emocional e de vitimização por abuso emocional. No entanto, no pós-teste, elas apresentaram um maior declínio nesses comportamentos. Houve uma redução significativa em abuso físico e em todas as formas de vitimização. Jovens com altos índices de maus-tratos também apresentavam altos níveis de vitimização por abusos físico e emocional, mas apresentaram mudanças na vitimização por abuso físico. Houve redução nos sintomas de traumas e angústias emocionais. Não houve mudança significativa nas habilidades de relacionamento saudável e de abuso emocional.
Avery-leaf <i>et al.</i> (1997) Prevenção Universal	Tratamento: diferenças de gênero, violência, atitudes sobre uso da violência, habilidades para resolução de conflito (comunicação e negociação) e fornecimento de suporte a vítimas de agressão. Controle: tratamento nulo.	Estratégias usadas para resolução de conflito, atitude em relação ao uso da violência, crenças que justificam a violência e o ciúme.	Redução global de atitudes que justificam violência no namoro como forma de resolver conflito no grupo experimental.

Tabela 2. Continuação
Table 2. Continuation.

Estudo	Conteúdo do programa	Variáveis dependentes	Resultados
Mcgowan (1997) Prevenção Universal	Tratamento: violência na sociedade e nos relacionamentos, tipos de abuso, relacionamentos fortes e fracos, comunicação assertiva, resolução de problemas e identificação de recursos. Controle: lista de espera.	Conhecimento sobre relacionamentos violentos, atitude sobre violência física, sexual e emocional, atitude sobre violência no namoro.	Houve uma diferença significativa entre o grupo experimental e o controle, nos pré e pós-testes. Ocorreram avanços em conhecimento sobre violência no relacionamento e em atitudes sobre a violência não física. Não houve melhora na atitude sobre violência física e sexual. Quando considerado o nível acadêmico, meninos de turmas avançadas demonstraram maiores avanços, enquanto os meninos de turmas regulares foram os que menos obtiveram ganhos.
Lavoie <i>et al.</i> (1995) Prevenção Universal	Tratamento 1: distinção entre autocontrole, controle sobre os outros e controle abusivo; gravidade do problema da violência no namoro; direito dos pares no relacionamento e respeito entre eles. Tratamento 2: o mesmo do Tratamento 1 acrescido de exposição de filme sobre violência no namoro e redação de uma carta a um agressor ou vítima. Não houve grupo controle.	Conhecimento e atitude relacionados à violência no namoro.	Os dois tratamentos geraram mudanças positivas. Os adolescentes de ambos os tratamentos tiveram um ganho similar em atitude. Houve diferença de atitude entre meninos e meninas antes e depois do programa. Meninos e meninas obtiveram ganhos equilibrados em atitude no tratamento 1. No tratamento 2, a evolução das meninas foi maior. Os efeitos do programa no grupo com maior índice de conhecimento no pré-teste (tratamento 1) foram melhores na variável conhecimento em comparação com o grupo de menor conhecimento prévio, mesmo este tendo recebido a maior intervenção.
Jaffe <i>et al.</i> (1992) Prevenção Universal	Tratamento: tipos de abuso, violência contra mulher e no namoro, conhecimento sobre onde buscar ajuda. Não houve grupo controle.	Conhecimento sobre violência no namoro e contra a mulher, vitimização de violência no namoro ou doméstica, atitude em relação à agressão à mulher e ao homem no namoro e intenção comportamental de violência no namoro em situações de risco.	No pós-teste, verificou-se mudança significativa no conhecimento, nas atitudes positivas e na intenção comportamental. A maioria desses resultados se manteve no <i>follow-up</i> . Foram encontradas diferenças de gênero nas respostas à intenção comportamental e atitudes positivas: as mulheres apresentaram maior mudança em ambos os casos.

comportamentais (habilidades comunicativas e práticas violentas). As mudanças identificadas no pós-teste, de modo geral, se mantiveram nas avaliações de *follow-up* (Foshee *et al.*, 1998, 2000, 2004, 2005; Jaffe *et al.*, 1992; Jaycox *et al.*, 2006; Matos *et al.*, 2006; Taylor *et al.*, 2010).

Discussão

A produção científica sobre programas de prevenção primária à violência no namoro em adolescentes é ainda escassa, considerando os achados desta revisão. Esses resultados estão de acordo com os de revisões prévias, que também identificaram um pequeno número de publicações: Ting (2009) identificou 13 estudos e Murray e Graybeal (2007), nove estudos. Esta baixa produção aliada à sua concentração na América do Norte, em detrimento de outros continentes, sugere a necessidade de expansão dos estudos de implementação e avaliação de programas de prevenção à violência no namoro. Na América Latina, no período investigado, foi identificado apenas o trabalho de Pick *et al.* (2010), realizado no México. No caso do Brasil, pode-se supor que uma das razões para a negligência a este foco de pesquisa esteja relacionada à tolerância da sociedade para com a violência entre parceiros íntimos e para com as desigualdades de gênero. Apenas no ano de 2006, foi decretada a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.304; Brasil, 2006), no ano de 2003, foi criada a Secretaria de Políticas para as Mulheres (Lei nº 10.683; Brasil, 2003) e, em 2009, a Política de Atenção à Saúde do Homem (Portaria nº 1.944; Brasil, 2009). Mesmo os estudos descritivos nesta temática, com amostras brasileiras, ainda são poucos (Aldrighi, 2004; Antonio *et al.*, 2012; Nascimento e Cordeiro, 2011; Oliveira *et al.*, 2011) e os estudos de desenvolvimento de intervenções preventivas foram iniciados apenas recentemente (Murta *et al.*, 2011, 2012, 2013). Por outro lado, deve ser lembrado que as fontes consultadas nesta revisão foram exclusivamente artigos científicos. Permanece, portanto, a chance de estudos publicados em livros, teses e dissertações não terem sido localizados, bem como publicações em periódicos não indexados nas bases de dados utilizadas.

Ainda que pequena a produção, apresenta rigor metodológico, com uso predominante de delineamentos experimentais e quase-experimentais em mais da metade dos estudos, e *follow-up* em aproximadamente metade deles. Esses cuidados somados ao uso de variáveis cognitivas (como crenças sobre papéis de gê-

nero) e comportamentais (prática de violência e habilidades sociais) representam um alicerce promissor para a área (Murray e Graybeal, 2007). Entretanto, avaliações de necessidades dos participantes e de processo dos programas de intervenção foram pouco realizadas nesses estudos, permanecendo a prática de avaliações de pré e pós-teste. Portanto, um aspecto relevante para o desenvolvimento da área seria a expansão da avaliação destes programas, com a inclusão de avaliações para identificação das necessidades e dos recursos dos adolescentes (avaliação de necessidades) e o monitoramento da qualidade das intervenções durante sua execução (avaliação de processo).

Avaliações de processo nestes programas poderiam lançar luz sobre preditores de seu sucesso ou fracasso. Dos estudos investigados, três tiveram resultados negativos, em oposição à grande maioria dos estudos. Contudo, pouco se sabe sobre as razões deste insucesso. Chama a atenção o caráter eminentemente informativo destes programas, centrados em variáveis cognitivas, como conhecimento sobre tipos de violência e seus efeitos nas relações. Uma hipótese é que os programas de conteúdo mais abrangente, que ensinam habilidades relacionais e de manejo das emoções e questionam crenças sexistas, sejam mais eficazes do que os estritamente informativos. Tal hipótese se baseia no conhecimento alicerçado na última década sobre os fatores de risco para a violência no namoro (Anacona, 2008; Arriaga e Foshee, 2004; Caridade e Machado, 2006; Hickman *et al.*, 2004; DiLillo *et al.*, 2001; Cyr *et al.*, 2006). Tomando-se esses conhecimentos como norteadores para o planejamento de programas preventivos à violência íntima juvenil no Brasil, o conteúdo das intervenções deve ser o mais amplo possível, abarcando competências que possam minimizar o impacto dos diferentes tipos de fatores de risco, relativos à cultura, à família, aos pares e aos déficits em habilidades sociais.

No que diz respeito às características das intervenções, nota-se o uso de formatos tendendo a intervenções breves (e ainda assim com bons resultados), em grande parte com em torno de sete horas de duração, e conteúdos multicomponentes, centrados em três eixos: construção de habilidades sociais, de manejo das emoções e resolução de conflitos; questionamento de papéis tradicionais de gênero e informação sobre a violência no namoro. A inclusão de habilidades sociais assertivas, de manejo de raiva e solução de problemas interpessoais se encontra alinhada ao recomendado

em revisões prévias (Cornelius e Resseguie, 2007; Muñoz-Rivas *et al.*, 2011; Ting, 2009), no sentido de capacitar os adolescentes, não apenas a reconhecerem relações abusivas, mas a manejarem conflitos interpessoais sem agressão e a fortalecerem a qualidade de seus vínculos afetivos.

A grande maioria dos programas descritos nesta revisão foi realizado em ambiente escolar, o que provavelmente ocorreu devido à facilidade de acesso à população adolescente. A inserção dessas intervenções nas escolas brasileiras pode se configurar como um importante desafio. Por um lado, vê-se a necessidade de ampliação de equipes de apoio (incluindo o psicólogo) para uma educação integral nas escolas e, por outro, tem-se algumas possibilidades já instituídas em escolas públicas, como o *Programa Saúde na Escola*, que também aborda temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva e poderia incluir ações de prevenção à violência no namoro.

A grande maioria dos programas foi do tipo prevenção universal, em oposição à prevenção indicada e seletiva, e adotou como foco apenas os adolescentes, em contraste com o foco no ambiente (pais e/ou professores e/ou pares) ou foco combinado (adolescente e ambiente). Devido ao baixo número de estudos em cada categoria, os achados desta revisão não nos permitem comparar a eficácia de intervenções focadas no adolescente e focadas no seu entorno, bem como prevenção universal *versus* indicada *versus* seletiva. Revisões futuras poderão se ocupar dessa tarefa, na medida em que a produção de programas preventivos à violência no namoro sejam ampliados.

Em relação aos resultados obtidos, em todos os estudos, ocorreram ganhos com a intervenção, pelo menos em parte das variáveis medidas. A variável “emissão de comportamentos violentos” apresentou resultados contraditórios, sendo considerada positiva em um estudo e negativa em outro. Em um dos estudos, a taxa de emissão de comportamentos violentos não modificou (Salazar e Cook, 2006) e, em outro, ocorreu redução (Foshee *et al.*, 1998, 2000). Três hipóteses podem ser adotadas para explicar esta diferença: em primeiro lugar, é possível que intervenções universais (Foshee *et al.*, 1998, 2000) sejam mais eficazes do que a prevenção indicada (Salazar e Cook, 2006). Neste último estudo, os adolescentes já encontravam-se envolvidos em relacionamentos violentos e, portanto, apresentavam necessidades distintas de adolescentes

ainda não violentos com seus parceiros. Em segundo lugar, o tempo decorrido entre a intervenção e a avaliação dos resultados pode ser relevante, já que Salazar e Cook (2006) realizaram o *follow-up* três meses após o programa, enquanto Foshee *et al.* (2000) o fizeram um ano após a intervenção, tendo tido então mais tempo para observar mudanças decorrentes da intervenção. E, por fim, o conteúdo da intervenção implementada por Foshee *et al.* (1998, 2000) foi multicomponente, ao passo que a intervenção de Salazar e Cook (2006) foi informativa, centrada apenas no reconhecimento de relações abusivas.

Em linhas gerais, a presente revisão aponta resultados consistentes quanto à eficácia dos programas de prevenção à violência no namoro, vistos em mudanças positivas em variáveis cognitivas e comportamentais, avaliadas no pós-teste e *follow-up*, em alguns dos estudos. Nota-se que esta área de investigação vem avançando, tendo em vista que a primeira revisão da área, feita por Hickman *et al.* (2004) há quase uma década, constatou inconsistência dos resultados dos programas preventivos à violência no namoro e seus achados foram considerados inconclusivos. Os resultados ora identificados são encorajadores no sentido de propor o desenvolvimento de programas multicomponentes de prevenção à violência no namoro, ainda que sejam restritos ao adolescente e de curta duração, para implementação em escolas de ensino médio ou fundamental.

Embora avanços tenham sido registrados, ainda são poucos os estudos de *follow-up* longos e escassos os que realizam avaliações de necessidades e de processo. Estudos mistos de avaliação, com múltiplos informantes e medidas, antes, durante e após a intervenção, tenderão a trazer novas contribuições para a área. Essas avaliações mais abrangentes deverão investigar as variáveis moderadoras e mediadoras do sucesso dessas intervenções. Neste sentido, sugere-se a avaliação das habilidades sociais (assertivas, empáticas e de autorregulação da raiva) como possíveis mediadoras dos resultados. Essas informações poderão ser guias valiosos na formação de profissionais que atuam em saúde na adolescência, no desenho de programas preventivos à violência pelo parceiro íntimo e danos associados (Randle e Graham, 2011) e no fortalecimento de políticas públicas nas áreas da educação, da saúde, de gênero e de direitos humanos no contexto nacional.

Referências

- ALDRIGHI, T. 2004. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do estado de São Paulo. *Psicologia, Teoria e Prática*, **6**(1):105-120.
- ANACONA, C.A. 2008. Prevalencia, factores de riesgo y problemáticas asociadas con la violencia en el noviazgo: una revisión de la literatura. *Avances en Psicología Latinoamericana*, **26**(2):227-241.
- ANTONIO, T.; HOKODA, A.; KOLLER, S.H. 2012. Peer influences on the dating aggression process among Brazilian street youth: A brief report. *Journal of Interpersonal Violence*, **27**(8):1579-1592. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260511425794>
- ANTLE, B.F.; SULLIVAN, D.J.; DRYDEN, A.; KARAM, E.A.; BARBEE, A.P. 2011. Healthy relationship education for dating violence prevention among high-risk youth. *Children and Youth Services Review*, **33**(2):173-179. <http://dx.doi.org/10.1016/j.childyouth.2010.08.031>
- AQUINO, E.M.L. 2006. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, **40**(N. Esp):121-132.
- ARRIAGA, X.B.; FOSHEE, V.A. 2004. Adolescent dating violence: do adolescents follow in their friends' or their parents' footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, **19**(2):162-184. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260503260247>
- AVERY-LEAF, S.; CASCARDI, M.; O'LEARY, K. D.; CANO, A. 1997. Efficacy of a dating violence prevention program on attitudes justifying aggression. *Journal of Adolescent Health*, **21**(1):11-17. [http://dx.doi.org/10.1016/S1054-139X\(96\)00309-6](http://dx.doi.org/10.1016/S1054-139X(96)00309-6)
- BALL, B.; KERIG, P. K.; ROSENBLUTH, B. 2009. "Like a family but better because you can actually trust each other": the expect respect dating violence prevention program for at-risk youth. *Health Promotion and Practice*, **10**(1):45-58. <http://dx.doi.org/10.1177/1524839908322115>
- BARTER, C. 2009. In the name of love: partner abuse and violence in teenage relationships. *British Journal of Social Work*, **39**(2):211-233. <http://dx.doi.org/10.1093/bjsw/bcm127>
- BRASIL. 2003. Lei nº 10.683 de 28 de maio de 2003. Dispõe sobre a organização da Presidência da República e dos Ministérios, e converte em lei a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Brasília. Disponível em: http://www.direitoshumanos.gov.br/conselho/pessoa_humana/legislacao/leipr. Acesso em: 20/08/2011.
- BRASIL. 2006. Lei nº 11.304, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre a criação da "Lei Maria da Penha", a qual cria mecanismos para coibir a violência doméstica e contra a mulher. Brasília. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 20/08/2011.
- BRASIL. 2009. Portaria nº 1.944, de 27 de agosto de 2009. Dispõe sobre a criação da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1944_27_08_2009.html. Acesso em: 20/08/2011.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. 2006. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, **4**(24):485-493.
- CORNELIUS, T. L.; RESSEGUIE, N. 2007. Primary and secondary prevention programs for dating violence: a review of the literature. *Aggression and Violent Behavior*, **12**(3):364-375. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2006.09.006>
- CYR, M.; MCDUFF, P.; WRIGHT, J. 2006. Prevalence and predictors of dating violence among adolescent female victims of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, **21**(8):1000-1017. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260506290201>
- DILILLO, D.; GIUFFRÉ, D.; TREMBLAY, G.C.; PETERSON, L. 2001. A closer look at the nature of intimate partner violence reported by women with a history of child sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, **16**(2):116-132. <http://dx.doi.org/10.1177/088626001016002002>
- FOSHEE, V.A.; BAUMAN, K.E.; ENNET, S.; LINDER, G.F.; BENEFIELD, T.; SUCHINDRAN, C. 2004. Assessing the long-term effects of the Safe Dates Program and a booster in preventing and reducing adolescent dating violence victimization and perpetration. *American Journal of Public Health*, **94**(4):619-624. <http://dx.doi.org/10.2105/AJPH.94.4.619>
- FOSHEE, V.A.; BAUMAN, K.E.; ENNET, S.; LINDER, G.F.; BENEFIELD, T.; SUCHINDRAN, C. 2005. Assessing the effects of the dating violence prevention program "Safe Dates" using random coefficient regression modeling. *Prevention Science*, **6**(3):245-258. <http://dx.doi.org/10.1007/s11121-005-0007-0>
- FOSHEE, V.A.; BAUMAN, K.E.; GREENE, W.F.; KOCH, G.; LINDER, G.F.; MACDOUGALL, J. 1998. An Evaluation of Safe Dates, an adolescent dating violence prevention program. *American Journal of Public Health*, **8**(1):45-50. <http://dx.doi.org/10.2105/AJPH.88.1.45>
- FOSHEE, V.A.; BAUMAN, K.E.; GREENE, W.F.; KOCH, G.; LINDER, G.F.; MACDOUGALL, J. E. 2000. The Safe Dates Program: 1- year follow-up results. *American Journal of Public Health*, **90**(10):1619-1622. <http://dx.doi.org/10.2105/AJPH.90.10.1619>
- GOMÉZ, A.H. 2007. La prevención de la violencia de género en adolescentes. Una experiencia en el ámbito educativo. *Apuntes de Psicología*, **25**(3):325-340.
- HICKMAN, L. J.; JAYCOX, L. H.; ARONOFF, J. 2004. Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution, and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, **5**(2):123-142. <http://dx.doi.org/10.1177/1524838003262332>
- JAFFE, P.G.; SUDERMANN, M.; REITZEL, D.; KILLIP, S.M. 1992. An evaluation of a secondary school primary prevention program on violence in intimate relationships. *Violence and Victims*, **7**(2):129-146.
- JAYCOX, L.H.; MCCAFFREY, D.; EISEMAN, B.; ARONOFF, J.; SHELLEY, G.A.; COLLINS, R.L.; MARSHALL, G.N. 2006. Impact of a school-based dating violence prevention program among Latino teens: randomized controlled effectiveness trial. *Journal of Adolescent Health*, **39**(5):694-704. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.05.002>

- LAVOIE, F.; VÉZINA, L.; PICHÉ, C.; MICHEL, B. 1995. Evaluation of a prevention program for violence in teen dating relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, **10**(4):516-524. <http://dx.doi.org/10.1177/088626095010004009>
- MATOS, M.; MACHADO, C.; CARIDADE, S.; SILVA M.J. 2006. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática*, **8**(1):55-75.
- MCGOWAN, M.J. 1997. An evaluation of a dating violence prevention program for middle school students. *Violence and Victims*, **12**(3):223-235.
- MUNÓZ-RIVAS, M.J.; GRAÑA, J.L.; GONZÁLES, M.P. 2011. Abuso psicológico en parejas jóvenes. *Psicología Conductual*, **19**(1):117-131.
- MUÑOZ-RIVAS, M.J.; GRAÑA, J.L.; O'LEARY, K.D.; GONZÁLEZ, P. 2007. Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*, **40**(4):298-304. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2006.11.137>
- MURRAY, C.E.; GRAYBEAL, J. 2007. Methodological review of intimate partner violence prevention research. *Journal of Interpersonal Violence*, **22**(10):1250-1269. <http://dx.doi.org/10.1177/0886260507304293>
- MURTA, S.G.; RIBEIRO, D.C.; ROSA, I.O.; MENEZES, J.C.L.; RIEIRO, M.R.S.; BORGES, O.S.; PAULO, S.G.; OLIVEIRA, V.; MIRANDA, V.H.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A.P. 2012. Programa de habilidades interpessoais e direitos sexuais e reprodutivos para adolescentes: um relato de experiência. *Psico-USF*, **17**(1):21-32. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000100004>
- MURTA, S.G.; SANTOS, B.R.P.; NOBRE, L.A.; ARAÚJO, I.F.; MIRANDA, A.A.V.; RODRIGUES, Í.O.; FRANCO, C.T.P. 2013. Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicologia USP*, **24**(2):263-288. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000100004>
- MURTA, S.G.; SANTOS, B.R.P.; NOBRE, L.A.; OLIVEIRA, S.A.; DINIZ, G.R.S.; RODRIGUES, Í.O.; MIRANDA, A.A.V.; ARAÚJO, I.F.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z.A. 2011. *Diferenciando baladas de ciladas: um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos*. Brasília, Letras Livres, 108 p.
- NASCIMENTO, F.S.; CORDEIRO, R.L.M. 2011. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia e Sociedade*, **23**(3):516-525. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712012000100004>
- OLIVEIRA, Q.B.M.; ASSIS, S.G.; NJAINE, K.; OLIVEIRA, R.V.C. 2011. Violência nas relações afetivo-sexuais. In: C.M. MINAYO; S.G. ASSIS; K. NJAINE (eds.), *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 87-141.
- PICK, S.; LEENEN, I.; GIVAUDAN, M.; PRADO, A. 2010. "Yo quiero, yo puedo... prevenir la violencia": Programa breve de sensibilización sobre violencia en el noviazgo. *Salud Mental*, **33**(2):153-160.
- RANDLE, A.A.; GRAHAM, C.A. 2011. A review of the evidence on the effects of intimate partner violence on men. *Psychology of Men & Masculinity*, **12**(2):97-111. <http://dx.doi.org/10.1037/a0021944>
- SALAZAR, L.F.; COOK, S.L. 2006. Preliminary outcome findings from an outcome evaluation of an intimate partner violence prevention program for adjudicated, African American, adolescent males. *Youth Violence and Juvenile Justice*, **4**(4):368-385. <http://dx.doi.org/10.1177/1541204006292818>
- SCHWARTZ, J.P.; MAGEE, M.M.; GRIFFIN, L.D.; DUPUIS, C.W. 2004. Effects of a group preventive intervention on risk and protective factors related to dating Violence Group. *Dynamics: Theory, Research, and Practice*, **8**(3):221-231. <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2699.8.3.221>
- SEARS, H.A.; BYERS, E.S.; PRICE, E.L. 2007. The co-occurrence of adolescent boys' and girls' use of psychologically, physically, and sexually abusive behaviors in their dating relationships. *Journal of Adolescence*, **30**(3):487-504. <http://dx.doi.org/10.1016/j.adolescence.2006.05.002>
- TAYLOR, B.G.; STEIN, N.; BURDEN, F.F. 2010. Exploring gender differences in dating violence/harassment prevention programming in middle schools: results from a randomized experiment. *Journal of Experimental Criminology*, **6**(4):419-445. <http://dx.doi.org/10.1007/s11292-010-9103-7>
- TING, S.R. 2009. Meta-analysis on dating violence prevention among middle and high schools. *Journal of School Violence*, **8**(4):328-337. <http://dx.doi.org/10.1080/15388220903130197>
- VERMA, R.K.; PULERWITZ, J.; VAISHALI, M.; KHANDEKAR, S.; BARKER, G.; FULPAGARE, P.; SINGH, S.K. 2006. Challenging and changing gender attitudes among young men in Mumbai, India. *Reproductive and Health Matters*, **14**(28):135-143. [http://dx.doi.org/10.1016/S0968-8080\(06\)28261-2](http://dx.doi.org/10.1016/S0968-8080(06)28261-2)
- WILLIAMS, J.R.; GHANDOUR, R.M.; KUB, J.E. 2008. Female perpetration of violence in heterosexual intimate relationships. *Trauma, Violence & Abuse*, **9**(4):227-249. <http://dx.doi.org/10.1177/1524838008324418>
- WOLFE, D.A.; WEKERLE, C.; SCOTT, K.; STRAATMAN, A.L.; GRASLEY, C.; REITZEL-JAFFE, D. 2003. Dating violence prevention with at-risk youth: a controlled outcome evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, **71**(2):279-291. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-006X.71.2.279>

Submetido: 20/02/2013
Aceito: 30/09/2013